

RESENHA CRÍTICA DO LIVRO: O ANO EM QUE SONHAMOS PERIGOSAMENTE, DE SLAVOJ ZIZEK

Maria Luisa Cordeiro Franco¹

Nicolas Barbosa²

1. Introdução

O livro do filósofo esloveno tem por objetivo fazer uma análise crítica de 2011 e as mobilizações globais que marcaram esse ano, tentando situá-las como produtos e parte do cenário capitalista global no século XXI. É interessante como o autor se propõe a refletir sobre a relação entre o capitalismo nos moldes atuais e como esse sistema político-econômico acaba por produzir os movimentos sociais no globo marcantes do referido ano, além da ascensão de certos regimes e episódios trágicos como o do atirador Anders Breivik na Noruega. É uma reflexão que inova por, diferentemente do que se estuda em teoria do Estado nos cursos de Direito no Brasil, incluir o modo de organização política e econômica como fator influenciador e construtor da realidade.

2. O ressurgimento da política emancipatória radical

Em seu primeiro capítulo, Slavoj Zizek orienta o leitor a reestruturar a leitura de *O Capital*, obra clássica de Karl Marx, em torno no desemprego enquanto categoria central do capitalismo. Argumenta o autor que o desemprego faz parte estruturalmente da dinâmica de acúmulo e expansão natural do capitalismo. Para ele, a categoria dos desempregados deveria abranger a amplitude da população, uma vez que não apenas são desempregados aqueles que estão sem emprego transitoriamente ou não podem mais serem empregados, mas há ainda aqueles que são formados no sistema educacional já para serem excluídos do processo capitalista global. Ou seja, no processo de formação dos indivíduos pelo sistema educacional, já há aqueles que são educados para enfrentar a realidade de não serem absorvidos pelo mercado de trabalho.

São esses estudantes estruturalmente fadados ao desemprego que estariam destinados a organizar e agitar os futuros movimentos emancipatórios, como ocorreu no Egito e nos

¹ Graduanda em Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Graduanda em Direito da Universidade Federal Fluminense (UFF).

protestos a longo da Europa, onde jovens de países como Reino Unido e Grécia se mobilizaram contra o resultado dessas estruturas já viciadas. Nesse sentido, Zizek endossa que a maneira de resolver esse problema do desemprego estrutural é subordinar a educação às demandas do mercado.

É possível fazer um diálogo nesse quesito com o modelo educacional adotado no Brasil, que justamente tem visado suprir as demandas do mercado de trabalho, mas sem a formação crítica necessária para uma eventual ruptura do *status quo*, apenas sendo possível sua manutenção. Diante disso, seria interessante analisar propostas de modelos educacionais que trazem um viés tanto de suprir as demandas do mercado, quanto de formar indivíduos capazes de subverter a realidade social, como bem propõe o modelo da escola unitária de Antonio Gramsci e suas ideias de formação do homem omnilateral e emancipação social.

Prosseguindo, o autor esloveno ressalta que os explorados não são apenas os trabalhadores que produzem a mais-valia, mas também aqueles que, de alguma maneira, são excluídos do sistema capitalista. Em um sentido mais prático, não são apenas os trabalhadores que criam, mas também aqueles fadados a não criar. Desse modo, explicita-se a exploração intrínseca ao processo de produção, que é o responsável por gerar um “exército de reserva”, sendo “privilégio” meramente estar empregado.

A realidade é que sem essa ênfase na exploração – tratando apenas da dominação – a luta permanece essencialmente moral ou ética, com revoltas pontuais e atos de resistência, e não a reversão do sistema produtivo em si; o objetivo passa a ser meramente a democracia e a liberdade, não fugindo dos parâmetros liberais desses conceitos e estando subordinados à própria estrutura capitalista. Nesse modelo estrutural, a exploração se encontra “naturalizada”, não havendo necessidade de uma dominação social direta; a dominação está justamente no processo de produção repetido e reiterado por toda a sociedade.

Com essa nova realidade, o autor argumenta que o sistema capitalista não consegue se autorregular, centrado na figura dos Estados Unidos como centro seguro e estável receptor de investimentos, sendo um centro de poder militar, político e ideológico, enquanto a Europa e partes da Ásia e da América Latina são zonas industriais manufatureiras e o restante pouco desenvolvido.

Adentrando o segundo capítulo do livro, Slavoj Zizek cita a análise de Karl Marx sobre a Revolução Francesa em 1848, buscando problematizar a questão da representação política, levantando quatro características fundamentais da estrutura de representação social na política de um regime populista que se repete na atualidade. Seriam elas: estar acima de todas as classes,

transitar entre elas, necessitar diretamente das classes mais excluídas e marginalizadas e a captação daqueles que “são incapazes de agir em coletividade que demanda representação política”. São essas características que evidenciam, segundo o autor, a incapacidade de representação política plena, de modo que a composição da sociedade privilegia secretamente alguma classe. De modo a corroborar tal argumento, Zizek exemplifica com o discurso a favor de contenção de gastos e ajustes fiscais que é feito pelas maiores dos especialistas políticos da atualidade, de modo que se impõe que as consequências da crise financeira devam ser sanadas abaixando o padrão de vida de todos, menos os muito ricos e considerando ainda que a própria crise foi produzida pela intervenção de governos a fim de evitar a falência de grandes bancos.

Assim sendo, nega-se a existência do agente causador e que haja uma oposição de classes. Muitas vezes, na verdade, insere-se um elemento externo que supostamente é o responsável pelo conflito entre duas classes, mas que na óptica marxista, é justamente por não existir somente duas classes opostas que há essa oposição de classes. Nos discursos contemporâneos, os imigrantes são esse elemento externo, assim como o foram os judeus no período de ascensão do nazismo. Esse acréscimo elementar deturpa a noção social sobre quem de fato se opõe à população menos favorecida e joga um culpado “a esmo”, servindo como bem diz a expressão popular, de “boi de piranha”.

Dando continuidade, o filósofo esloveno argumenta que a classe média é contra a politização; por isso apoia golpes autoritários que visam acabar com a mobilização política exacerbada da sociedade e, ao mesmo tempo, essa mesma classe média é a principal instigadora dos movimentos sociais do populismo de direita. Além disso, há uma mudança na figura de quem pode melhor governar, convergindo na figura do especialista que “administra” de uma maneira pós-ideológica neutra, não representando um interesse específico. Com tudo isso posto, o autor já dá a silhueta de onde ele pretende chegar, mostrando que o cenário atual é tal que as mobilizações sociais, tragédias e crescimento de movimentos de extrema-direita, notoriamente xenófobos, no globo não são frutos do acaso.

Na verdade, logo após o exposto acima, Slavoj Zizek expõe e sintetiza, resumidamente, o seguinte: o processo de dominação de uma classe sobre a outra se dá por meio da exploração anteriormente explicada no livro, ainda que não seja nítido aos olhos dos sujeitos, sendo controlada pelo mercado. E justamente essa economia do mercado que determina e estrutura, como ator ausente, a sociedade; a economia nunca é apresentada diretamente como um agente

real causal. Ela intervém nas sociedades modernas, mas produz efeitos diretos e reais, mas não apenas isso! A economia também é o princípio que distorce a percepção da realidade social de modo que não é possível distinguir o seu impacto na produção de realidade social. O autor ainda complementa: a luta de classes é um termo que dá base à política na economia e a representação do momento político fundamental que está no centro da própria economia.

Imergindo no terceiro capítulo da obra de Žižek e levando em consideração o anteriormente exposto sobre o papel da economia e da condição problemática do capitalismo na sociedade contemporânea, o autor propõe o argumento de que, pela análise de Hegel da repetição, os acontecimentos tão comentados e exemplificados no presente livro – a ascensão dos movimentos populistas de extrema-direita, o atentado de Anders Behring Breivik na Noruega, a primavera árabe e o Occupy Wallstreet – não são meras repetições por acaso. Conforme argumenta Hegel quanto à derrota de Napoleão tanto em 1813, quanto posteriormente em Waterloo, Slavoj Žižek fundamenta que a rejeição do multiculturalismo e a xenofobia são marcas de uma estrutura do capitalismo que já não se sustenta e por isso dá espaço a acontecimentos como os de 2011.

Segundo o autor, esse apego à identidade étnica serve como uma proteção mental que tampa os olhos quanto ao verdadeiro problema: o capitalismo financeiro como se encontra no século XXI.

O mais interessante é como o autor percebe um padrão de pensamento novo que é fruto desse cenário, embora seja muito curioso: assim como no caso de Breivik, ocorre muito na contemporaneidade a construção ideológica de um “inimigo” a ser combatido – que claro, não é o capitalismo financeiro – que muitas vezes é contraditório. No exemplo do assassino norueguês, o indivíduo uniu elementos como o marxismo, multiculturalismo e islamismo na figura responsável pelos problemas da sociedade europeia, sendo que, por coerência lógica, esses elementos conflitam entre si (como bem lembrado ao citar a fala fascista de uma “conspiração bolchevique-plutocrática judaica”). Chega inclusive a lembrar o candidato atual à presidência da República Federativa do Brasil com seus discursos muito similares. Há, de fato, uma verdadeira distorção ideológica.

No mesmo sentido, há a perseguição de direitos humanos básicos pautados em princípios liberais democráticos que são perseguidos por esses grupos em ascensão, mas não há a necessária ambição de os combater por parte dos liberais. Isso é problemático uma vez que se de um lado os liberais não têm o empenho e a força para combater os princípios democráticos de sua ideologia e que estruturam boa parte das sociedades europeias, de outro os fanáticos religiosos

e membros alinhados à extrema-direita e grupos xenófobos estão se engajando em destruir ou subverter esses ideais.

Exposto isso, o filósofo esloveno indica a medida ideal seria não ficar preso à positividade do multiculturalismo, mas construir um projeto positivo universal, unânime a todos os interessados e lutar pela aplicação dele. Para ele, é necessário ressuscitar a força emancipadora e radical do velho continente e buscar um projeto que possa sustentar a coexistência autêntica e a fusão de culturas diferentes, engajando-se na futura batalha a favor desse projeto.

Já no capítulo quarto, é exposto como os distúrbios no Reino Unido em 2011, embora desencadeados por algo bem concreto, tenham expresso um desconforto com algo mais oculto. Nesse sentido, afirma-se que, por estarem fora do espaço social organizado e consequentemente impedidos de participar da produção social, esses manifestantes expressam seu descontentamento pela negatividade abstrata de violência “irracional” como preconiza Hegel. As marcas da nova era de manifestações são essas explosões violentas, sem uma exigência em particular.

É justamente o fato de manifestantes não conseguirem elaborar uma agenda a reivindicar que ilustra uma realidade pós-ideológica que produz violência sem sentido. E nessa realidade que é possível identificar o capitalismo como incongruente, pois é ideologicamente não vinculado à totalidade do globo, ele é global e abrange o mundo inteiro.

As explosões violentas sem razão aparente no contexto britânico de 2011 e a resposta conservadora a elas evidenciam o estado deprezado do capitalismo, nos quais inúmeros jovens (no caso britânico) estavam em situação social negligenciada e desesperadora e a resposta conservadora foi alimentar um discurso que os coloca de volta em conflito. Homens reduzidos a feras instintivas, produzidas pela ideologia capitalista hegemônica.

À pobreza e falta de perspectivas sociais nos subúrbios britânicos, afirma o autor, deve ser acrescentado a dissolução cada vez maior do grupo familiar e dos laços sociais, além do que Lacan entende como dispositivos que servem para atrair o libido e liberar prazer excessivo, mas só geram a falta dessas sensações. A tecnologia, pois, age ampliando o que já existe. Ora, se há falta de prazer, ou ainda insatisfação, isso mesmo que se ampliará.

Iniciando o capítulo cinco, o autor esloveno ressaltou como os eventos de 2011 no Oriente Médio demonstram o caráter ativista e aberto ao reformismo do islã, diferente da imagem que grupos anti-imigratórios e xenófobos muito presentes na Europa fazem.

Fazendo um paralelo com o processo revolucionário no Irã em 1979, no qual a

população conseguiu se mobilizar de tal maneira organizada e solidária, como exemplificado pela marcha de milhares de pessoas em silêncio. Esse levante popular, em contraposição ao processo de imposição da democracia ocidental ao Iraque na emancipatório. O caso iraquiano se explodiu na chamada Primavera Árabe, culminando no Egito.

Passando pelos casos de revolução contra o governo de Mubarak no Egito, Slavoj levanta questões como: o que aconteceu após esses conflitos? Quer representações assumirão o governo? Mesmo com a aparente vitória de ter ocorrido uma grande mobilização única e forte, dúvidas acerca do futuro ainda pairam. E mais: o Ocidente tanto se mostra interessado em apoiar a dita Primavera Árabe, mas onde esteve durante todo o processo histórico nitidamente opressor e autoritário da maioria dessas nações que protagonizaram essas revoluções?

O autor salienta como o caso da Síria e da Líbia são destoam dos outros da Primavera. Em ambos não há a dimensão da luta emancipatória por parte do Ocidente (diferentemente do que fizeram na Tunísia e Egito, onde houve intervenção direta). Evidente que há interesses geopolíticos por trás de cada decisão – ou ausência desta – no cenário do Oriente Médio.

Ainda nesse capítulo, Zizek comenta sobre o papel da mídia internacional nesses processos revolucionários do Oriente. Jornais como o *New York Times* e a CNN pintando falsos cenários pejorativos a grupos como o Talibã e os protestantes egípcios, impondo uma visão oportunista e falaciosa das potências do Ocidente. Há o apoio público à democracia e, quando as pessoas se revoltam contra os tiranos em nome da liberdade e da justiça, há uma chuva de ressalvas e preocupações com o movimento anteriormente apoiado.

Por fim, a problemática da explosão de levantes populares no Oriente Médio permanece. Tomemos o caso egípcio: o grupo que representa o antigo Mubarak continuarão a ter privilégios e o islamitas ganharão a hegemonia ideológica. A máscara posta de que a situação se modificou cairá, uma vez que com a deterioração da situação econômica, a explosão da primavera ocorrerá novamente e exigirá que um novo setor social se erga para representar e mobilizar as camadas populares.

Adentrando o sexto capítulo, o esloveno já salienta a problemática do Occupy Wall Street: o deslocamento do sentido real de protesto por parte dos manifestantes. Criou-se uma sensação de prazer pela manifestação, como se fosse um passeio ou festejo, quando na verdade deveria haver uma paixão pelo trabalho duro e paciência de modificar a realidade para a qual o governo não dependa das nuances do capitalismo financeiro. Há, no entanto, a afirmação de uma crise de moralidade e não do capitalismo.

Evita-se, pois, a crítica ao capitalismo e em sua moralidade. Não se enxerga o real

controlador da vida é o capital. É interessante como fica bem ilustrado o já anteriormente exposto pelo filósofo de como a operatividade do sistema econômica é ausente e causa distorções na percepção de si e da realidade. E, nesse cenário, os grupos de esquerda devem encontrar maneiras de transformar a fúria, que demonstraram nas mobilizações populares, em um programa de mudança sociopolítica transformador.

Prossegue-se com a fundamentação de que essa falta de aptidão em criar um plano sólido de transformação sociopolítica que vise substituir o programa antigo, surgem novas figuras e, atualmente, principalmente a do tecnocrata despolitizado e “neutro”. É a célebre figura do gestor, algo que possa ser exemplificado como a figura de gestor na candidatura de João Dória à prefeitura de São Paulo, no Brasil.

Por outro lado, se há a exaltação da figura tecnocrata política, o estreitamento da liberdade se faz presente em grande parte da Europa, com o notório caso da Turquia e uma espécie de capitalismo autoritário, envolvendo prisões de jornalistas sob acusações infundadas de conspirar contra o governo central. O islamismo autoritário vem, pois, servido junto à prosperidade econômica e o liberalismo.

Portanto, diante de todo esse cenário, o autor conclui que não basta fazer oposição ao governo especialista e apolítico; deve-se veementemente propor novas formas de organização econômica que possam subverter todo esse contexto e sequelas que são necessariamente, sim, atreladas ao ordenamento econômico no qual a sociedade atual se encontra. Porém, ao mesmo tempo deve haver um espaço, segundo Zizek, para que as alternativas possam surgir e não sejam produzidas por uma pressão, acabando por produzir algo que não é propriamente novo e, na verdade, ainda é extremamente arraigado às estruturas antigas. Poderia ser dito que para se propor uma alternativa ao capitalismo, não necessariamente deve ser recorrido ao comunismo, mas às sementes que o comunismo ou suas experiências semelhantes da história tenham produzido e que inovem e rompam com a organização econômica hegemônica.

Zizek observa por último nesse capítulo a crítica de Marx à necessidade dos parâmetros da democracia que concebemos estar atrelada à noção liberal-burguesa de democracia. Para ele, o que deve haver é a separação desse ideal burgo-liberal e a reformulação das relações sociais que não estão ligadas diretamente à atividade política das instituições estatais.

O capítulo seguinte, inicia com o autor apresentando a série que servirá como exemplo durante todo o discurso do capítulo *The Wire*, um caso de realismo televisivo, em que a cada temporada são expostos os mais diversos problemas que a sociedade possui. Dessa forma, a série funciona como um *matragé* diágrega, em que os deuses, aqueles que são imortais destroem os

humanos, são representados na verdade, pelas instituições estatais, como os departamentos policiais e o sistema escolar. E o mercado cada vez mais próximo de uma entidade mítica que tem vida própria, reagindo, alertando e esclarecendo opiniões.

Nessa trama o culpado é a totalidade social, todo o sistema, e não um único criminoso. São postas então perguntas a cerca desse sistema, o capitalismo, e dessa totalidade. Como podemos interpretar na arte a totalidade do capitalismo contemporâneo? A resposta vem como análise do Real do sistema capitalista.

Esse Real é, na verdade, abstrato, um movimento abstrato-virtual do capital. Há uma diferença entre a realidade e o Real: a realidade mascara o Real. A realidade é o conjunto de todos os modelos tridimensionais sinestésicos (com todas as sensações dos sentidos agrupados nele); acrescidos com os valores advindos do grupo cultural em que o indivíduo está inserido. Note que, o Homem não se relaciona com o concreto; mas com a sua própria realidade. Fisicamente, por exemplo, uma cruz são dois pedaços de pau colocados em forma de "t"; no entanto, o modelo sinestésico desses dois pedaços de pau, acrescidos de valores advindos da cristandade, dão um outro significado a esses mesmos pedaços de pau; formando uma nova realidade. Assim, o homem, se relaciona com a sua própria realidade; criada por ele mesmo, e não com o concreto; inserindo novos elementos no real.

Assim, toda essa abstração real que envolve o capitalismo, essa dança especulativa solipsista do capital, que persegue seu objetivo de lucro não se importando em como isso afetará a realidade social dita o destino de todas as camadas da população.

A realidade é a “realidade social” das pessoas reais envolvidas na interação e nos processos de produção, e o real é o “abstrato” que determina o que acontece na realidade social.

O autor passa então a dar ênfase à tensão entre a instituição e a resistência do indivíduo. Os indivíduos podem tentar mudar o sistema, mas o sistema sempre acaba ganhando. A inocência da luta sempre é perdida, não no sentido de que as pessoas se corrompem, mas que seus atos se tornam simplesmente irrelevantes dando um novo impulso à própria força que se opõem.

The Wire costuma ser vista como uma relação de poder e resistência. O próprio poder gera resistência a ele. “Que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (FOUCAULT, 1988, p. 104-105). Cria-se, porém, uma ambiguidade, a resistência é apropriada de antemão pelo poder, ou o poder gera o excesso de resistência que ele não pode controlar.

A única saída desse dilema é abandonar o paradigma da “resistência a um dispositivo”. A tarefa da política emancipadora está não em elaborar estratégias de como resistir, mas em

pensar em modalidades de uma possível ruptura radical.

Zizek termina o capítulo com a relação entre a lei e suas violações. É evidente que o sistema não só tolera a ilegalidade como precisa dela para que o sistema funcione. Conclui-se que para passar do reformismo à mudança radical, devemos nos abstermos da resistência que mantém o sistema vivo, devemos nos recuar ao papel de observador passivo.

O último capítulo do livro inicia ainda tratando da ruptura radical com o antigo, dessa vez envolvendo o Estado de bem-estar social. Para Sloterdijk, a única forma de salvá-lo é abandonando qualquer nostalgia que exista em relação à democracia social do século XX. Segundo ele é preciso uma nova revolução cultural baseado nas ideias de que hoje as camadas produtivas exploradas são a classe média alta, formada pelos “doadores”, cujos impostos financiam a educação, saúde, etc. É preciso desmistificar a ideia de que o Estado tem o direito de tributar seus cidadãos, como se esses tivessem uma dívida com o Estado. Tal pensamento é sustentado pela ideia que é mais forte da esquerda de solidariedade, entretanto as pessoas são egoístas e precisam ser forçadas a contribuir.

Para Sloterdijk, a maior causa dessa perversão social, presente muito hoje, é o desequilíbrio entre eros e thymos. Entre a pulsão de juntar as coisas e a pulsão para a generosidade. Para reestabelecer tal equilíbrio, é preciso reconhecer que os produtores de riqueza não são um grupo que é suspeito de recusar a pagar o que deve à sociedade, mas como os verdadeiros doadores.

Zizek vê uma série de problemas nesse pensamento. Primeiro é preciso reconhecer quem são os verdadeiros doadores, uma vez que em tempos de crises são as pessoas comuns que salvam o Estado. Segundo o processo de enriquecimento ocorre dentro do Estado num processo injusto que põe em dúvida o direito do doador rico de possuir o que generosamente dá. E por último, a oposição entre eros e thymos é muito simplista.

É comum escutar que a visão comunista se baseia na perigosa idealização dos seres humanos e atribui a eles um tipo de “bondade natural” que é na realidade é estranha a nossa natureza, egoísta. No entanto, muitos experimentos mostram que não é natural a competição capitalista e a maximização dos lucros, depois de atingir certos níveis de satisfação, as pessoas tendem a se comportar de uma maneira que chamamos de comunista.

3. Conclusão

Fica evidente que existe um descontentamento com o sistema capitalista global “pós-

moderno” que afeta cada vez mais o a democracia. O ano de 2011 foi o ano do ressurgimento da política emancipatória radical em todo mundo. Entretanto, de um lado vemos a cada dia como esse despertar foifrágileinconsistente, de outro que ele foisóoiníciodeumaondaderevoltas, outras estão porvir.

Esses sinais servem como reguladores que precisam ser analisados com extrema importância, pois de forma rearranjada se repetem. Não se trata de somente uma mudança na esfera política e econômica, mas na esfera apolítica também, nas relações sociais.

“Em vez de analisar os eventos como parte de um contínuo de passado e presente, deveríamos buscar a perspectiva do futuro.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Adilson Carlos; RASIA, Gesualda dos Santos. ZIZEK, Slavoj, Trad. RogérioBettoni. O ano em que sonhamos perigosamente. São Paulo: Boitempo, 2012. **Organon**, Porto Alegre, p.1-7, 20 jul. 2015.

BRITO, Leila. O “**poder**” segundo Foucault. 2010. Disponível em: <<http://www.chacomletras.com.br/2010/03/o-poder-segundo-foucault/>>. Acesso em: 20 out. 2018.

REAL x Realidade. 2008. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2008/10/06/real-x-realidade/>>. Acesso em: 20 out. 2018.